

**ASSOCIAÇÃO JUIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO, SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO ESCOLAR**

9,0

**FENÔMENO BULLYING, UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA SOBRE O PROCESSO
PEDAGÓGICO DEMOCRÁTICO, NA VISÃO DOS PESQUISADORES: CLEO
FANTE E ALESSANDRO COSTANTINI**

MARIA LUCIA ANDRADE GASPAR

ORIENTADOR: PROF. ILSO FERNANDES DO CARMO

ALTA FLORESTA/2007

**ASSOCIAÇÃO JUIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO, SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO ESCOLAR**

**FENÔMENO BULLYING, UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA SOBRE O PROCESSO
PEDAGÓGICO DEMOCRÁTICO, NA VISÃO DOS PESQUISADORES: CLEO
FANTE E ALESSANDRO COSTANTINI**

MARIA LUCIA ANDRADE GASPAR

ORIENTADOR: PROF. ILSO FERNANDES DO CARMO

*“Trabalho apresentado como exigência
parcial para obtenção do título de
Especialização em Gestão Escolar”.*

ALTA FLORESTA/ 2007

**ASSOCIAÇÃO JUIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO ESCOLAR**

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR

Do rio que tudo arrasta se diz que é violento.
Mas ninguém diz violentas as margens que o
comprimem.

(Bertolt Brecht)

Agradeço,

- A Deus, Senhor, mais uma etapa se completa. Gostaria de agradecer por mais esta benção. Caminhar não é tarefa complicada, difícil é trilhar pelos caminhos certos. Suas pegadas orientaram-me, seu amparo fez-se sentir nos momentos turbulentos. Sua mão forte nunca me desamparou. Permita-me, ó Pai, que eu possa ampliar meus conhecimentos e ajudar meus semelhantes, proporcionando-lhes paz e conforto. Que nunca me falta humildade e a ética para reconhecer minhas limitações.
- Ao Prof. Ilso Fernandes do Carmo, sempre solícito e atencioso, contribuiu significativamente, na condução do processo monográfico.

Dedico este trabalho a minha filha Hortência, que me acompanhou durante esta trajetória.

RESUMO

Foi realizado um trabalho de pesquisa sobre a violência psicológica denominada *bullying* que, geralmente acontece na escola. Esse termo ainda não tem definição na língua portuguesa, mas significa formas de agressões intencionais e repetitivas contra uma mesma pessoa ou contra várias pessoas, causando-lhes angústias, humilhações, sofrimentos, entre outros. Sendo a escola um segmento da sociedade, onde os relacionamentos são inevitáveis, logo, as diferenças se acentuam, e constitui-se, a escola como um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. Leva-se também em conta, que os comportamentos e valores veiculados na sociedade e no interior das famílias estão cada vez menos pautados no afeto e cada vez mais na agressividade, gerando violência. O fenômeno *bullying* vem sendo observado atualmente em todo o mundo e, inclusive no Brasil, já foi constatada a sua existência. Esta pesquisa destina-se a alertar os professores, pais, alunos e comunidade em geral sobre as conseqüências e as seqüelas que esses comportamentos agressivos possam vir a causar, tanto nos que agredem, quanto nos que são agredidos. Algo precisa ser feito, pois, acredita-se que, é possível construir um mundo de paz, mas para isso, deve-se primeiramente construí-lo dentro de cada um de nós, a fim de que, pequenos gestos, se transformem em grandes ações, capazes de mudar uma realidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 FENÔMENO <i>BULLYING</i>: Etimologia	11
2 HITÓRICO DO FENÔMENO <i>BULLYING</i>:	13
3 AS MÚLTIPLAS CARAS DO FENÔMENO <i>BULLYING</i>.....	17
3.1 Os envolvidos no fenômeno <i>bullying</i> no meio escolar.....	18
3.2 Características dos Autores/Agressores	19
3.3 Características dos Alvos/Vítimas.....	20
3.4 Alvos/Autores	22
3.5 Dos que testemunham o fenômeno <i>bullying</i>	22
3.6 Conseqüências para os envolvidos	22
4 COMO COMBATER O FENÔMENO <i>BULLYING</i> NA ESCOLA	24
4.1 Fazer o fenômeno vir à tona	26
4.2 Sensibilização para o <i>bullying</i>.....	26
4.3 Constituição de uma Comissão para Implementar o Projeto	26
4.4 Intervenção de combate e prevenção.....	27
4.5 Ampliação da intervenção de campo	28
5 O PROGRAMA EDUCAR PARA A PAZ PROPOSTO POR CLEO FANTE.....	30
5.1 Etapa A - Conhecimento da realidade escolar.....	31
5.1.1 Primeiro passo: conscientização e compromisso	31
5.1.2 Segundo passo: investigação da realidade escolar.....	32
5.2 Etapa B – Modificação da realidade escolar	34

5.2.1 Primeiro passo: adoção de estratégias de intervenção	34
5.2.1.1 Estratégias gerais	34
5.2.1.2 Estratégias individuais	35
5.2.1.3 Estratégias em sala de aula	36
5.2.1.4 Estratégias familiares	38
5.2.2 Segundo passo: novo diagnóstico da realidade escolar	39
5.2.2.1 Investigação da nova realidade escolar	39
5.2.2.2 Apresentação do diagnóstico à comunidade escolar	40
5.2.2.3 Revisão e manutenção do programa	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
BIBLIOGRAFIA	43
ANEXOS	45
ANEXO A – What is <i>bullying</i>?	50
ANEXO B – <i>Bullying</i>, semente do desumano	52

INTRODUÇÃO

Nos dias da modernidade, parece subverterem-se a ética e a moral, onde a violência campeia em grande escala. Na família, nas ruas, no trabalho, enfim, na sociedade em geral.

Existem formas de violência que são explícitas, visíveis, e estão presentes nas relações entre as pessoas. Mas, existem também formas de violência que estão presentes nas relações entre as pessoas e que não são perceptíveis à primeira vista. Geralmente, elas são sutis e camufladas, atuam no subconsciente do ser humano. Essas expressões de violência podem ser muito difíceis de superar. Pois é comum que as pessoas tomem-nas como típica ou inevitável.

Nesse trabalho realizamos uma pesquisa bibliográfica, com a preocupação de alertar a comunidade escolar e a comunidade geral, para um tipo de violência que poucas pessoas param para observar.

Queremos falar especificamente de uma espécie de violência não sistematizada e pouco qualificada, que ocorre em qualquer ambiente onde convivem pessoas com diferenças marcantes, que podem ser no aspecto físico, social ou emocional.

Trata-se, portanto, da violência psicológica denominada *bullying*. Essa violência não possui ainda um termo científico no léxico português.

Sendo a escola um segmento da sociedade onde as diferenças se reúnem, constitui assim, um ambiente propício ao desenvolvimento do fenômeno *bullying*. Esse

fenômeno já foi reconhecido em diversos países e por diversos pesquisadores, o que veio identificá-lo como sendo um fenômeno mundial.

O *bullying* “*não é um assunto novo nem exclusivo dos países escandinavos, mas que se alastra pelas escolas de todo o mundo, inclusive pelas escolas brasileiras*”. (FANTE, 2005, p. 17).

O ato do *bullying* se consolida por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos contra a mesma vítima ou várias vítimas, causando-lhes sofrimento. Já foi detectado por especialistas que esses comportamentos vêm interferir no desenvolvimento de crianças e jovens, quando estes são acometidos.

“O bullying é um problema que interessa à coletividade e ao papel dos adultos nas várias agências educativas (escola, família, voluntariado, associações) mas também em relação ao futuro da sociedade, visto que estudos e pesquisas demonstram de que forma os jovens agressores, por causa do seu comportamento transgressivo e violento, tem mais probabilidade, como vimos, de assumir comportamentos mais problemáticos como a delinqüência e o alcoolismo.” (COSTANTINI, 2004, p. 77)

Inicialmente, abordaremos a etimologia da palavra *bullying*, os conceitos a ela atribuídos, a origem dos estudos desenvolvidos por Dan Olweus e também, em decorrência dessas descobertas, as pesquisas que foram desenvolvidas no Brasil com intuito de identificar a existência do fenômeno.

Em seguida, discutiremos sobre as características dos alunos que são considerados vítimas e agressores, bem como, outros alunos que estão indiretamente envolvidos, o que vem explicar esses comportamentos e quais as conseqüências para todos que fazem parte do processo.

Apresentaremos a seguir as sugestões de autores como Alessandro Costantini com as experiências de trabalhos desenvolvidos nas escolas italianas, e a pesquisadora brasileira Cleo Fante e suas dinâmicas para prevenir e combater o fenômeno *bullying* no ambiente escolar.

Por fim, as considerações finais em que concluímos que a violência na escola pode ser uma das causas que fazem com que os alunos abandonem o sistema escolar antes de completarem seus estudos. E, que o termo *bullying* é pouco conhecido nos meios acadêmicos.

1 FENÔMENO BULLYING: ETIMOLOGIA

O termo bullying tem origem na palavra inglesa “bully” que significa “valentão”, “brigão”. Logo, o verbo significa brigar, ameaçar, amedrontar, tyrannizar, oprimir, intimidar, maltratar, entre outros.

Passou a ser um termo utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica, para conceituar os comportamentos agressivos e anti-sociais nos estudos sobre o problema da violência escolar.

Sem termo equivalente na língua portuguesa, define-se universalmente como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais ou inconscientes, repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s) causando dor, angústia, e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupo que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outro(s) aluno(s) levando-os à exclusão, além de danos físicos, psíquicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying.

Segundo especialistas, as causas desse tipo de comportamento abusivo são inúmeras. Variam desde a carência afetiva, ausência de limites, modo de autoridade dos pais sobre os filhos por meio de “práticas educativas” que incluem maus tratos físicos e explosões emocionais violentas.

Em alguns países existem outros termos para conceituar esses tipos de comportamento e, existem também, pesquisadores que enfrentam dificuldades em encontrar termos em seus idiomas que traduzam o sentido da palavra “bullying”.

No Brasil, o termo bullying foi adotado por ser o termo que de maneira geral é empregado na maioria dos países. Mas, não há na língua portuguesa uma palavra que corresponda ao termo de origem inglesa, (bully= brigão, valentão).

Segundo a pesquisadora Fante:

“bullying é como um comportamento cruel, intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar”. (FANTE, 2005, p. 29).

Diversos estudiosos vêm dando suas definições e contribuições, ao longo do tempo, com respeito a esse tipo de comportamento. Porém, todas as definições convergem para a incapacidade da vítima em se defender. Apontam também, aliado a essa tendência, o fato de que a vítima não consegue motivar outras pessoas a agirem em sua defesa.

Trata-se, portanto, de uma violência oculta, de caráter psicológico e apresenta características que dão conta de que causam traumas no psiquismo de suas vítimas.

“Há violência psicológica quando adultos depreciam constantemente crianças, bloqueando seus esforços de auto-aceitação, resultando em enormes prejuízos emocionais. Considera-se também violência psicológica a atitude ameaçadora de abandono, uma vez que causa sofrimentos, medos e ansiedades, sendo fonte geradora de estresse. A violência psicológica compromete a estrutura psíquica da criança, uma vez que esta se sente desvalorizada, desprotegida, não-aceita e não-amada, percebendo-se rejeitada por aqueles que são significativos em sua vida. Esse sentimento de rejeição compromete o desenvolvimento de sua auto-estima e o poder de auto-superação, uma vez que está arraigada em seu inconsciente devido aos inúmeros registros negativos que ficaram impressos em sua memória, com tendência a reproduzir tais situações de abuso em outros relacionamentos. Muitos se tornam abusadores, “repetindo” na escola, contra os colegas, ou em casa, contra os irmãos menores, aquilo que sofreram. Outros, quando chegam à idade adulta, reproduzem os abusos contra filhos ou cônjuge, ou, no local de trabalho contra subordinados ou colegas. Outros, ainda, não reproduzem as experiências traumáticas experimentadas, mas represam os sentimentos de impotência, raiva e revolta, “psicoadaptando-se” ao sofrimento, assumindo posturas passivas, frágeis e submissas, com tendência a tornarem-se bodes expiatórios por não terem adquirido habilidades de defesa e de assertividade”. (FANTE, 2005, p. 179).

Essas são apenas algumas das maneiras de expressão da violência psicológica, existem outros tipos como: a exclusão social, o isolamento, atitudes de terrorismo por parte dos pais para serem obedecidos, atos de ignorar a criança ou o jovem, o abandono, a negligência, a violência sexual e muitas outras formas.

2 HISTÓRICO DO FENÔMENO BULLYING

O *bullying* é um fenômeno mundial tão antigo quanto a própria escola. Apesar dos educadores terem consciência da problemática existente entre agressor e vítima, poucos esforços foram despendidos para seu estudo.

“Fenômeno é tudo o que se observa na natureza; fato ou evento de interesse científico, que pode ser descrito e explicado cientificamente”. (HOUAISS, 2001, p. 1326).

Segundo (FANTE: 2005), as primeiras investigações sobre a prática de *bullying* nas escolas, foram realizadas na Noruega, no início da década de 70, pelo pesquisador Dan Olweus da Universidade de Bergen. No entanto, este trabalho só veio ter repercussão maior em 1982, quando um jornal noticiava o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos, ato que, com toda probabilidade segundo os pesquisadores, foi motivado principalmente pela situação de maus-tratos a que essas crianças eram submetidas pelos seus companheiros de escola. Esse fato originou grande tensão e divulgação nos meios de comunicação, atingindo a população em geral, fazendo com que o Ministério da Educação norueguês lançasse, em 1983, uma campanha em escala nacional contra os problemas entre agressores e vítimas.

Dan Olweus desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo. Olweus pesquisou, inicialmente, cerca de oitenta e quatro mil estudantes, trezentos a quatrocentos professores e em torno de mil pais, incluindo vários períodos de

ensino. Este estudo constatou que em cada sete alunos, um estava envolvido em casos de *bullying*.

Atualmente, é um assunto que está sendo estudado e pesquisado em diversos países. No Brasil, o conceito de *bullying* ainda é pouco discutido nas escolas. Vem ganhando força e divulgação, através de associação de psicólogos, palestras, jornais, revistas e de programas de televisão como o Fantástico e o Programa da Apresentadora Ana Maria Braga, exibidos pela Rede Globo de Televisão, respectivamente, em 29.03.2004 e 21.06.2005.

Uma iniciativa da ABRAPIA¹, no Rio de Janeiro, tenta mudar esse quadro de violência entre estudantes. Depois de uma pesquisa em onze escolas, no ano de 2002, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência, em convênio com a Petrobrás, criou uma campanha de conscientização sobre os malefícios desse problema.

O objetivo dessa pesquisa foi detectar a incidência e as conseqüências dessa prática em cada escola. A pesquisa revelou que o fenômeno *bullying* se faz presente nas escolas brasileiras com índices superiores aos apresentados nos países europeus. Dos cinco mil, setecentos e oitenta e cinco estudantes que participaram da pesquisa, através de questionário, 40,5% admitiram ter estado diretamente envolvido em atos de *bullying*, sendo 16,9% alvos, 10,9 alvos/autores e 12,7% autores. Quanto ao local onde mais se praticava *bullying*, o resultado majoritário foi a sala de aula, com índice de 60,2%.

Segundo o Coordenador da ABRAPIA, o pediatra Aramis Lopes (2004), os alunos não tiveram dificuldades em identificar o problema. “Nas escolas é muito comum encontrar esse tipo de comportamento”, diz ele.

Essa entidade acompanhou o projeto através de encontros regulares com professores, coordenadores, pais e alunos e constatou que cada escola desenvolveu uma estratégia diferente, como debates, campanhas, peças de teatro e redações, de acordo com sua realidade. No ano de 2003, aplicou o segundo questionário aos estudantes. O resultado foi bastante satisfatório. Em relação à primeira pesquisa, 79,9% dos alunos passaram a ter conhecimento sobre o tema e 31% admitiram que a prática de *bullying* diminuiu ou acabou em sua escola.

Essa pesquisa foi realizada em cidades do interior paulista onde se observou variáveis distintas. Entre elas, podemos destacar: a idade dos envolvidos, o número de

¹ Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência que realizou um Programa visando diagnosticar e implementar ações efetivas para a redução do comportamento agressivo entre estudantes de onze escolas localizadas no município do Rio de Janeiro. Seu objetivo foi a sensibilização de educandos, famílias e sociedade para a existência do problema e suas conseqüências, buscando despertá-los para o reconhecimento do direito de toda a criança e adolescente a freqüentar uma escola segura e solidária, capaz de gerar cidadãos conscientes do respeito à pessoa humana e às suas diferenças.

habitantes das idades, rede pública municipal ou estadual, rede privada, participação de professores e de outros funcionários das escolas. Alguns estudos foram destacados:

Primeiro estudo: pesquisa desenvolvida no ano 2000, na cidade de Barretos, cidade com cem mil habitantes. A escola em destaque é da rede particular de ensino, com 430 alunos de quinta a oitava séries do Ensino Médio.

Conclusão da pesquisa: 81% dos alunos se envolveram em algum tipo de violência. Desses, 41% foram considerados casos de *bullying*, 18% foram considerados vítimas; 14% agressores e 9% vítimas- agressoras, e a sala de aula é o local com maior incidência, seguida dos corredores.

Segundo estudo: pesquisa desenvolvida no ano 2001, envolvendo 431 alunos de 7 a 16 anos de idade em cinco escolas da rede pública e particular de ensino de dois municípios: um de grande porte, São José do Rio Preto, e outro de pequeno porte, cujo nome a pesquisa não divulgou.

Conclusão da pesquisa: 87% dos alunos se envolveram em condutas violentas. Desses, 47% se envolveram em condutas *bullying*; 21,38% foram identificados como vítimas e 15,61% são considerados agressores, e com maior incidência a sala de aula, seguida pelo exterior da escola e o pátio.

Terceiro estudo: pesquisa desenvolvida no ano 2002, na cidade de São José do Rio Preto, em apenas uma escola da rede pública municipal de ensino. Nessa pesquisa participaram 450 alunos, professores e outros funcionários da escola. Para estes, foram usados questionários.

Conclusão da pesquisa: 66,92% dos alunos se envolveram nas condutas *bullying*; 25,56% foram consideradas vítimas; 22,04% agressores e 19,32% vítimas agressores, e com maior incidência a sala de aula.

Quarto estudo: pesquisa desenvolvida no ano 2003, numa cidade pacata, (a pesquisa não divulgou o nome da cidade) com cerca de 10 mil habitantes. Participaram desse grupo: 450 alunos de 5ª a 8ª séries de uma escola pública estadual.

Conclusão da pesquisa: 45% dos casos de violência entre alunos foram considerados *bullying*; 24% foram vítimas, 8% agressores e 13% vítimas agressoras. Com incidência dessa vez, não na sala de aula, mas em lugares isolados onde não há ninguém por perto que possa vir em defesa da vítima.

Percebeu-se que a prática do *bullying* está presente em todas as escolas, tanto da rede pública de ensino, quanto da rede particular, e em diversas situações.

Na pesquisa desenvolvida pela ABRAPIA e na pesquisa desenvolvida no interior paulista foram utilizados os ensinamentos de Dan Olweus que foi o precursor desse estudo.

Na verdade, esses comportamentos agressivos entre os alunos sempre existiram, mas o que mudou foi a intensidade de sua frequência e de seu teor agressivo, reflexo de um mundo individualista, cada vez mais bélico e carente de humanismo.

3 AS MÚLTIPLAS CARAS DO FENÔMENO BULLYING

Já que o *bullying* é um problema mundial e encontrado em qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição, que seja primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana, passa a ser um problema de responsabilidade social.

O *bullying* ocorre de várias formas sendo classificado de acordo com o tipo de agressão. Pode ser verbal, através de apelidos maldosos; física com chutes, socos, pontapés, puxões de cabelo; emocionais com humilhação, difamação, intimidação, ameaça, isolamento ou sexuais: gestos obscenos, toque, exibicionismo.

Nas séries iniciais do Ensino Fundamental, essas condutas são mais direcionadas a maus-tratos físicos e se tornam de fácil identificação pelo professor e outros funcionários da escola, tanto das vítimas, como dos agressores.

Tanto as pesquisas desenvolvidas pela ABRAPIA, no Rio de Janeiro, como as pesquisas desenvolvidas pela pesquisadora Cleo Fante (2005), no interior de São Paulo, apontam que o lugar onde mais se pratica *bullying* é a sala de aula, seguida dos corredores da escola e do pátio na hora do recreio. Os agressores tentam impor sua autoridade por meio da força física e da ameaça psicológica a seus colegas da mesma classe ou das séries menos avançadas. Logo, os alunos preferidos como alvo são os mais tímidos e frágeis, pela aparência física, pois estes não revidarão aos ataques e não tem meio de defesa. Outros alunos que são presas fáceis, são os que apresentam características psicológicas como: ansiedade, passividade, medo, timidez, entre outros. Estes logos são descobertos pelo agressor, que faz dele um “bode expiatório”. Sua ansiedade e choro constante produzem um forte sentimento de superioridade

e podem satisfazer no agressor alguns impulsos de vingança. Em geral, o agressor consegue fazer com que outros alunos se unam a ele, formando grupo.

Vale destacar que nem sempre o *bullying* manifesta-se explicitamente. Atitudes de exclusão como: “dar um gelo” no colega ou não deixá-lo participar do grupo, podem ser tão danosos quanto a agressão física, e muitas vezes passa despercebida aos olhos do professor.

Da quinta série em diante, os alunos são mais velhos e utilizam formas mais veladas e sutis. Nessa fase, o *bullying* se apresenta pela linguagem visual, gestual e corporal. Ocorrem manifestações como: ameaças, difamações, ofensas, furtos, abusos sexuais, entre outros. Essas ameaças às vezes acontecem no interior da escola e na hora da saída “eles se pegam”. Existe aluno agressor que conta com a participação de gangues fora da escola para dar proteção e respaldo a esses desmandos.

Diversos pesquisadores em todo o mundo têm direcionado seus estudos para esse fenômeno que toma aspectos preocupantes, tanto pelo seu crescimento, quanto por atingir faixa etárias, cada vez mais baixas, relativas aos primeiros anos de escolaridade.

3.1 OS ENVOLVIDOS NO FENÔMENO *BULLYING*, NO AMBIENTE ESCOLAR

Algumas características podem ser destacadas como relacionadas, aos papéis que venham a representar. As principais são:

- a) alvos de *bullying*- são os alunos que só sofrem *bullying*;
- b) alvos/autores de *bullying* - são os alunos que ora sofrem, ora praticam *bullying*;
- c) autores de *bullying*- são os alunos que só praticam *bullying*;
- d) testemunhas de *bullying*- são os alunos que não sofrem nem praticam *bullying*, mas convive em um ambiente onde isso ocorre.

A pesquisa mais extensa sobre *bullying*, realizada na Grã-Bretanha registra que 37% dos alunos do primeiro grau e 10% do segundo grau admitem ter sofrido “ *bullying*”, pelo menos uma vez por semana.

O levantamento realizado pela ABRAPIA, em 2002 envolvendo cinco mil, oitocentos e setenta e cinco estudantes de quinta a oitava séries de onze escolas localizadas no município do Rio de Janeiro revelou que 40,5% desses alunos admitiram ter estado

diretamente envolvido em atos de *bullying*, naquele ano, 16,9% alvos, 10,9% alvos/ autores e 12,7% autores de *bullying*.

3.2 CARACTERÍSTICAS DOS AUTORES/AGRESSORES

As pesquisas escolares realizadas em vários países e no Brasil inclusive, revelaram a presença de intimidações *bullying* entre os alunos sendo sua identificação mais fácil entre os meninos, haja visto, que eles são mais expansivos e agressivos. Eles gritam, chutam, empurram, batem. São os “fortões” os considerados “temíveis”.

Já entre as meninas, embora com menor frequência, o *bullying* também ocorre e se caracteriza principalmente como prática de exclusão e difamação.

São comumente indivíduos que tem pouca empatia. Frequentemente pertencem a famílias desestruturadas, nas quais, há pouco relacionamento entre os seus membros. Seus pais exercem uma supervisão deficiente entre eles, toleram e oferece como modelo para solucionar conflitos o comportamento agressivo ou explosivo.

A ação individual do agressor (a) respaldada pela força física ou psicológica poderá ser difundida entre outros (as) e se transformar em uma ação coletiva contra a mesma vítima ou outras vítimas.

Percebe-se assim, que muitos alunos aderem ao grupo do agressor como meio de defesa para não se tornar também em uma nova vítima. No conceito popular embarcam na “brincadeira” para ficar ao lado de quem exerce o poder.

Nas séries iniciais a prática do *bullying* é muito comum nos corredores da escola durante a hora do recreio.

Segundo a pesquisadora (FANTE, 2005, p. 61-62): duas são as causas que vem justificar o comportamento do agressor:

“(...) a necessidade que ele tem de reproduzir contra outros os maus tratos sofridos tanto em casa quanto na escola, como forma de exercer autoridade e de se fazer notado, ou por ser a única maneira que lhe foi ensinada para lidar com as inseguranças pessoais sentidas diante do grupo de iguais, buscando com isso reconhecimento, auto-afirmação e satisfação pessoal. O fato é que a reprodução constante desses comportamentos agressivos e intimidatórios no convívio escolar implica um número cada vez maior de alunos, irradiando-se como dinâmica psicossocial doentia e repetitiva, numa espécie de ciclo vicioso que denominamos Síndrome de Maus-Tratos Repetitivos (SMAR). Essa síndrome é oriunda do modelo educativo predominante, introjetada pela criança na primeira infância. Sendo repetidamente exposta a estímulos agressivos, aversivos ao seu psiquismo, a

criança os introjeta inconscientemente ao seu repertório comportamental, transformando-se posteriormente numa dinâmica psíquica mandante de suas ações e reações. Desta forma, estará predisposta a reproduzir a agressividade sofrida ou a reprimi-la comprometendo assim o seu processo de socialização.

(...) a ausência de modelos educativos humanistas, capazes de estimular o comportamento da criança para a convivência social pacífica para o seu crescimento moral e espiritual, fatores indispensáveis ao bom processo sócio-educativo, que se torna promotor de auto-superação na vida. A ausência desses valores humanistas se introduzido o educando ao caminho da intolerância, que se expressa pela não aceitação das diferenças pessoais inerentes a todos os seres humanos. Dessa forma o bullying começa freqüentemente pela recusa de aceitação de uma diferença, seja ela qual for, mas sempre notória e abrangente, envolvendo religião, raça, estatura física, peso, cor dos cabelos, deficiências visuais, auditivas e vocais; ou é uma diferença de ordem psicológica, social, sexual e física; ou está relacionada a aspectos como força, coragem, habilidade desportiva e intelectuais. A constatação dessas diferenças faz surgir conflitos interpessoais de convivência, e os métodos utilizados para solucioná-los são aqueles aprendidos nas convivências experienciadas no modelo educativo a que o educando foi submetido, que é expresso pela imposição de autoridade e pelo emprego de vários tipos de atitudes e linguagem violenta para fazê-lo obedecer”.

O fato é que as pessoas que tem esse comportamento mascaram seus próprios temores internos, tentam driblar o que as amedrontam , amedrontando e ferindo o outro, por medo de serem feridas primeiro. Tais pessoas são intimamente infelizes e tentem lançar nos outros a sua infelicidade.

Na realidade, essas pessoas precisam tanto de ajuda, quanto as suas vítimas, sob perigo de que venham a se tornarem marginais e infratores da lei, adultos com comportamentos anti-sociais e ou violentos, podendo vir a adotar, inclusive, atitudes delinquentes e criminosas.

3.3 CARACTERÍSTICAS DOS ALVOS/VÍTIMAS

As crianças que são vítimas de *bullying* são normalmente crianças, que não sabem se defender, e são incapazes de motivar outras, para agirem em sua defesa.

Apresentam na maioria das vezes características físicas que se diferenciam de outras crianças. Essa diferença acaba sendo usada pelo autor, como pretexto para extravasar a sua agressividade.

Entre as características principais podemos citar:

a) isolamento, tristeza, depressão, angústia, irritabilidade, agressividade, choros freqüentes, baixa auto-estima;

- b) desejo de não ir à escola e queixas na hora de ir;
- c) voltar da escola com materiais danificados;
- d) pedir mais dinheiro que de costume ou passar a pegar dinheiro dos pais sem avisar para, comprar suas amizades com os agressores;
- e) chegar a casa com fome excessiva (é obrigado a dar sua merenda ao autor do *bullying*);
- f) queda do rendimento escolar;
- g) aparecer com ferimentos não justificado.

Segundo a pesquisa da ABRAPIA, (2002) entre os meninos há maior incidência, são eles muito mais envolvidos tanto como autores, quanto como alvos. Segundo depoimentos de alguns alunos que sofreram discriminação decorrente das condutas *bullying*, eles afirmam que: “Sempre fui pequeno, menor que os meus colegas, o que era um prato cheio para sofrer abusos,” diz um dos entrevistados. “Eles roubavam o dinheiro do meu lanche, não me deixavam jogar bola na hora do recreio e me batiam a trôco de nada.” Uma vez até rasgaram a minha mochila, completa outro. Esses alunos não sabem por que recebem esse tipo de tratamento entre os pares. Possuem uma auto-estima muito baixa, são pouco sociáveis, inseguros e passivos diante dos maus-tratos. Alguns chegam ao extremo, de pensar que merecem a agressão e não tem coragem de reagir ou denunciar os agressores.

O educador e escritor Ruben Alves em uma entrevista cedida ao Jornal Correio Popular em 08.05.2005, foi categórico em afirmar:

“Eu fui vítima de bullying. Quando me mudei para o Rio de Janeiro e meu pai me matriculou no Colégio Andrews, que era freqüentado pela elite carioca, fui motivo de zombaria por causa do meu sotaque caipira e a forma como me vestia. A zombaria me enfiou numa grande solidão. Nunca tive amigos. Nunca fui convidado para as festas da turma. Sentia-me ridículo. Tinha medo de me aproximar das meninas. O que eu mais desejava era estar longe dos meus colegas. Ir à escola era um sofrimento diário. Sofria em silêncio. E era inútil que eu falasse com os meus pais. Eles nada poderiam fazer. A maioria das vítimas sofre em silêncio”. (A CASA, 2005)

Como vimos, os alunos que são vitimizados pelas condutas acima citadas, são pessoas que são prejudicadas ou que sofrem as conseqüências dos comportamentos de outros e não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos contra si. Normalmente enfrentam assédio e ameaças sozinhas. Um forte sentimento de insegurança os impede de solicitar ajuda e, não tem, portanto, esperanças quanto às possibilidades de se adequarem ao grupo.

3.4 ALVOS/AUTORES

Os indivíduos que pertence a essa classificação, são aqueles alunos que tendo passado por situações de sofrimento e situações constrangedoras na escola, tendem buscar outros indivíduos mais frágeis que ele, para daí transferir a outros os maus-tratos sofridos. Estes, ora atuam como autores e ora atuam como alvos de *bullying*.

Sendo assim, a prática de *bullying* constitui uma dinâmica expansiva, cujos resultados incidem no aumento do número de vítimas.

3.5 DOS QUE TESTEMUNHAM O FENÔMENO *BULLYING*

As testemunhas do fenômeno *bullying* são representadas pela grande maioria dos alunos. Elas não sofrem e nem praticam. Presenciam as condutas e adotam a lei do silêncio em razão do temor de se tornarem as “próximas vítimas”. Por esse motivo, dificilmente saem em defesa do colega prejudicado. Mas, existem casos em que as testemunhas acabam embarcando na “brincadeira” para ficar ao lado de quem exerce o poder.

Apesar de não sofrerem as agressões diretamente, muitas delas podem se sentir incomodadas com o que vêem e inseguras sobre o que fazer. Algumas reagem negativamente, diante da violação do seu direito a aprender em um ambiente seguro, solidário e sem temores. Tudo isso poderá influenciar negativamente sobre a capacidade de progredir na escola e socialmente.

Lembremos, para tanto o que diz o Estatuto da Criança e do Adolescente no seu (Artigo 5º, p.8):

“Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”. (ECA, Lei 8.069/90).

O Estatuto da Criança e do Adolescente, em vigor desde 1990, constitui uma das estratégias legais da sociedade para preservar os direitos fundamentais da população brasileira nessas faixas etárias.

3.6 CONSEQÜÊNCIAS PARA OS ENVOLVIDOS

A queda do rendimento escolar constitui uma das conseqüências visíveis e relevantes do fenômeno *bullying*. O isolamento, a tristeza, a angústia, a rejeição, o medo daqueles que são vitimizados pelas condutas *bullying*, não deixam que a aprendizagem aconteça ou aconteça satisfatoriamente.

O medo e a insegurança são sensações que contaminam. Os vitimizados, estarão sempre preocupados, tensos, com medo de serem as próximas vítimas.

“O medo gera conflito e, além da falta de atenção, a criança perde a energia. O resto é decorrência disso. Com o tempo, muito medo gera depressão, ela perde o interesse pelos estudos caindo ainda mais o nível de aprendizagem”. (ZIEMER, 2005, p. 7).

Na infância, o *bullying* pode desencadear na vítima transtornos psiquiátricos como: paranóia, psicoses, que podem alterar o desenvolvimento do sistema límbico. Essa alteração compromete a regulação da emoção e da memória pelo hipocampo e pela amígdala, localizada abaixo do córtex do lobo temporal.

Com a alma ferida o educando apresenta dificuldade de aprendizagem, não constrói seus pensamentos, não desenvolve a inteligência. Constrói entre outros sentimentos negativos, sentimentos de vingança e conceitos de inferioridade (baixa auto-estima) que poderão desencadear também, doenças psicossomáticas como: taquicardia, cefaléia, ansiedade, estresse, dor de estômago, além de bloqueio de pensamentos e do raciocínio.

“As vítimas do fenômeno bullying podem não superar os traumas e estes persistirem além do período escolar e trazer-lhes conseqüências nas relações de trabalho, na constituição de famílias, enfim, trazer-lhes prejuízos para a saúde física e mental”. (FANTE, 2005, p. 79).

Esses indivíduos poderão apresentar dificuldades de relacionamentos, estarem propensos a uma depressão, os que são vitimizados poderão se tornar agressores do *bullying*, e apresentarem dificuldades de relacionamento no ambiente de trabalho, ou ainda, tornarem-se, em homicidas ou suicidas.

No município de Taiúva em São Paulo, em janeiro de 2003 um rapaz de 18 anos, invadiu a escola onde estudou com um revólver na mão. Feriu gravemente cinco alunos. Em seguida se matou. Obeso na infância e adolescência, ele era motivo de piadas entre os colegas. Um amigo desse rapaz após a tragédia comentou que: “tinha uns que xingavam ele de elefante cor-de-rosa, porque ele era gordo e tinha bochechas rosa”.

Na cidade de Remanso, na Bahia, em fevereiro de 2004, um adolescente de 17 anos, armado com um revólver calibre 38, matou duas pessoas: um colega de escola de 13 anos, e a secretária do Curso de Informática, onde ele estudou.

4 COMO COMBATER O FENÔMENO *BULLYING* NA ESCOLA

Diversas pesquisas e programas de intervenção “*antibullying*” vem se desenvolvendo na Europa e na América do Norte, visando principalmente conscientizar toda a comunidade escolar sobre o fenômeno e sensibilizá-la sobre a importância do apoio às vítimas, buscando encaminhá-las para tratamento clínico, encorajá-las à denúncia, além de fazer com que se sintam protegidas.

Conforme (FANTE, 2005, p. 89): “*alguns programas de combate ao bullying vem sendo desenvolvidos nos seguintes países: Espanha, Inglaterra, Irlanda, Grécia, Portugal, Finlândia, Noruega, Holanda, entre outros*”.

No Brasil, algumas pesquisas já foram desenvolvidas no combate à violência escolar e por iniciativas não governamentais, mas assumem ainda um caráter muito tímido frente à complexidade e abrangência do fenômeno. Entre elas, o Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes, desenvolvido pela ABRAPIA, na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2002 e 2003 em parceria com a Petrobrás. Seu objetivo foi diagnosticar as situações de *bullying* entre os alunos, identificando os tipos mais comuns de maus-tratos, os locais de maior incidência e suas repercussões sobre a comunidade escolar.

Segundo a ABRAPIA, a implantação de um programa para prevenir e reduzir o *bullying* com resultados positivos, deve se pautar em três premissas essenciais:

a) não existem soluções simples para a resolução do *bullying*; o fenômeno é complexo e variável;

b) cada escola deve desenvolver suas estratégias e estabelecer suas prioridades no combate ao *bullying*;

c) é necessária a cooperação de todos os envolvidos: alunos, professores, gestores e pais.

Na visão de Costantini², “o *bullying* na escola está, salvo os episódios mais gritantes e visíveis ligado a um problema de reconhecimento do fenômeno por parte dos adultos. Se isso não existe, dificilmente o *bullying* pode ser eficazmente combatido”. (COSTANTINI, 2004, p.101).

Primeiramente, o *bullying* deve ser reconhecido na escola como uma questão a ser resolvida. São vários os motivos que fazem com que não haja reconhecimento do mesmo na escola. Entre eles, a dificuldade que as vítimas têm para desabafarem, ausência dos adultos em muitos casos no momento em que ocorre o episódio, a convicção de que os conflitos entre os alunos devem ser resolvidos por eles mesmos, e as dificuldades que os professores têm de enfrentar com determinação os casos ocorridos.

Para elaboração de um projeto de tão amplo espectro será necessário convocar profissionais preparados para dirigir os critérios metodológicos e de suporte às intervenções dos professores. Esses profissionais devem ser conhecedores da psicologia social ou escolar, pedagogos, sociólogos, orientadores, preparados para as técnicas de comunicação e de gestão de grupos, além de serem, possuidores de competências como:

a) organizar grupos de trabalho, formado por professores e estudantes;

b) exercer o papel de catalisadores de relações de confronto operacional desse mesmo grupo de trabalho;

c) estimular e coordenar recursos humanos.

Uma das medidas preventiva de combate ao *bullying* no ambiente escolar é procurar auxílio em associações, igrejas, mundos culturais, esportivos. Essa ligação irá ampliar o campo de ações e favorecer a constituição de uma rede que incrementa a estratégia geral.

Segundo Costantini (2004) é possível sintetizar cinco etapas fundamentais de enfrentamento e prevenção ao *bullying*.

² Alessandro Costantini - pedagogo, psicólogo e psicoterapeuta italiano. Ocupa-se da prevenção de problemas juvenis nas escolas. Exerce a função de consultor em escolas e associações, além de promover cursos sobre comunicação para professores. Colabora com o site Psicoline.it, rede de informações dirigida ao estudo da psicologia e a psicólogos.

4.1 FAZER O FENÔMENO VIR À TONA

Consiste em se fazer uma pesquisa com os alunos por meio de questionários anônimos. Juntamente com o questionário, uma nota na qual se explica por que está desenvolvendo essa pesquisa. As perguntas do questionário devem ser fechadas do tipo: Segundo você, na sua escola existe alguém que intimida o outro? 1 (sim) 2 (não). Os agressores andam sozinhos ou em grupo? 1 (sozinho) 2 (em grupo). Já aconteceu de você 1 (assistir a intimidação dos outros) 2 (ser intimidado) 3 (intimidar alguém). E, assim por diante.

A sistematização dos dados pelos orientadores, estabelecerá a grandeza do fenômeno e poderá servir para tomar ciência de quanto o *bullying* incide em termos de clima escolar.

4.2 SENSIBILIZAÇÃO PARA O BULLYING

A equipe de orientadores fará a divulgação dos resultados da pesquisa mencionada, bem como, serão responsáveis pela sensibilização através de palestras com os estudantes, com os profissionais da educação e com as famílias em geral. Nesse encontro em caráter de assembléia, será explicado o que é *bullying*, quais as dinâmicas relacionadas a ele, apresentar o plano de ação em longo prazo e abrir o debate. A equipe de orientadores é formada por: psicólogos, pedagogos, professores, outros profissionais que estejam dispostos a colaborar como também intervir entre os estudantes. A equipe de orientadores preparará cursos de formação para intervenção do *bullying*. Essa preparação deverá ser para o pessoal docente e não docentes a fim de que com a orientação de especialistas como psicólogos, eles adquiram competência técnica que venha facilitar as relações individuais com os envolvidos.

4.3 CONSTITUIÇÃO DE UMA COMISSÃO PARA IMPLEMENTAR O PROJETO

Essa comissão será escolhida entre as pessoas que fizeram o curso de formação. Serão eles os coordenadores do Projeto. Terão a função de modificar a organização da escola, supervisionar e fomentar ações previstas e fazer análises de casos mais complexos de *bullying*. Entre eles, haverá o presidente, representante dos docentes e não docentes,

representantes dos orientadores externos que terão encontros periódicos para monitorar as fases do projeto e preparar as ações mais eficazes para a prevenção e combate ao *bullying*.

4.4 INTERVENÇÃO DE COMBATE E PREVENÇÃO

Será um trabalho voltado para as ações de combate e prevenção onde deverá haver participação ativa de maior número de adultos. Essas ações consistem em:

a) intervenção na Organização da Escola

- os professores estudam as estratégias mais adequadas para enfrentar os problemas e agir diretamente sobre eles, com base nas orientações recebidas;

- controle dos lugares e espaços durante os intervalos - um grupo de trabalho será responsável pela vigilância dos alunos em locais pouco visíveis e pouco freqüentados por adultos, com o objetivo de coibir qualquer ação dos agressores;

- eleição de algumas figuras de referências - escolha de pessoas que tiveram formação prévia, para dar atendimento às queixas das vítimas e dos pais delas, onde na medida do possível, será adquirido um vínculo de confiança para exporem suas queixas;

- encontros periódicos de professores e pais - com o intuito de fortalecer estratégias comuns no combate ao *bullying*;

- grupo de trabalho voltado para o ambiente escolar - uma equipe de trabalho também, será formada por professores e alunos para promover atividades extracurriculares de caráter lúdico que promovam o bem-estar escolar. Serão atividades como: festas comemorativas, jornalzinho da escola, torneios, competições esportivas, entre outras;

- projeto de recepção e tutoria - outra equipe será responsável para recepcionar os alunos de primeiras e segundas séries e acompanhar-lhes nos trajetos dentro da área escolar. Professores, estudantes mais velhos, comporão essa equipe a fim de impedir quaisquer desajustes iniciais, levando em conta que as condutas *bullying* estão presentes também nas primeiras séries.

A tutoria de professores e estudantes mais velhos objetiva também a estimular a socialização e integração de alunos novos à escola, pautados nas regras de convivências e respeito ao próximo, regras contrárias a uma cultura de intimidação.

b) intervenção nos grupos-classe

Sendo a sala de aula, um local onde acontece um grande número de intimidações e o professor às vezes não percebe, ou lhes dão pouca importância, é necessário agir no plano de prevenção com uma série de medidas elaboradas também pelos estudantes e pelo conselho de classe. Quando se constatar casos concretos de *bullying* os alunos envolvidos passarão diretamente por medidas de intervenção, pautadas na fixação de regras para as salas de aula e para as relações sociais. Essas regras são elaboradas pelos professores e pelos alunos nos primeiros dias de aula. Sempre que for oportuno, deverá haver reuniões nas salas de aula, com as carteiras colocadas em círculo, onde os alunos serão encorajados a falar como está sua sala, que coisas lhe agradam, o que gostaria que mudasse, se está disposto a colaborar com as mudanças. Se necessário, faz-se a aplicação de um novo questionário.

Na realização das tarefas o professor deverá organizar a divisão dos grupos de modo que venha romper as relações muito cristalizadas. Enfim, a organização visa favorecer as amizades e a superação de preconceitos consolidados. Por fim, uma outra medida que dá bons resultados é o diálogo com os alunos e com os pais, tanto dos agressores quanto das vítimas. Nesse diálogo, aprofunda-se a situação em particular e pede-se a colaboração dos pais ou responsáveis.

4.5 AMPLIAÇÃO DA INTERVENÇÃO DE CAMPO

Por ser o fenômeno *bullying* de difícil combate e intervenção, a escola interessada em abraçar essa causa deverá também buscar auxílio de outros segmentos da sociedade, onde esses alunos freqüentam.

Através das famílias, manter contato com associações esportivas, igrejas, clubes, a fim de sensibilizar as pessoas que ali trabalham, e solicitar ajuda deles, como meio de impedir a propagação de condutas *bullying*.

Acompanhar o percurso extra-escolar dos alunos seria uma alternativa de Intervenção de Campo. Conhecer a realidade econômica ou social da família, insatisfações individuais, abusos sexuais, uso de drogas, o que pode explicar em parte comportamento de agressividade ou passividade.

Existem pelo menos duas formas principais de interação com o território:

a) *abrir a escola para a comunidade* - para que outras associações e voluntários entrem na escola para divulgar suas atividades aos alunos interessados. Juntamente com as atividades, tomam conhecimento das estratégias educativas da escola. (POF³).

b) *manter contato com os órgãos públicos para facilitar o atendimento dos casos mais difíceis que possivelmente possam ser encaminhados.*

A instituição escolar que tomar por base, o combate ao *bullying* utilizando a proposta de Costantini, deverá depois de esgotadas todas as estratégias, fazer uma avaliação dos resultados obtidos, alguns pontos que podem ser analisados: Se houve a participação de todos? Quantas intervenções foram realizadas? O que mudou depois das intervenções? Houve mudança nos comportamentos? Houve diminuição dos casos de violência? Houve mudança de atitudes dos professores? Enfim, haverá uma avaliação para verificar se os resultados obtidos foram os esperados.

A determinação de se enfrentar um problema de combate à violência *bullying* exige da escola um empenho constante e duradouro e uma abrangência de todos que estejam envolvidos no processo educativo.

As ações propostas são inúmeras, mas se a escola conseguir realizar algumas delas já é um bom resultado.

“Mais difícil de ser realizado é conseguir mudar onde o fenômeno se dá, a mentalidade dos jovens que obsessivamente praticam atos intimidatórios e transgressivos e a de professores e pais que tendem a subestimar o problema. Conseguir de fato que esses protagonistas mudem seria sem dúvida o resultado mais importante, a ponto de modificar profundamente o ambiente da escola”. (COSTANTINI, 2004, p. 120).

Ainda em Costantini, (2004) a mudança positiva e geral do clima da escola é um objetivo difícil de atingir, mas promovendo paralelamente as ações de combate e prevenção, que visam ao bem-estar dos estudantes e a qualidade das relações com os professores, será possível desenvolver e construir um caminho capaz de obter esse resultado.

³ POF (Piano dell’Offerta Formativa) surgiu na Itália no final da década e 1990, por orientação do Ministério da Educação. Consiste na elaboração de projetos curriculares, extracurriculares, educativos, e organizacionais por partedas escolas, de forma autônoma, para definir suas próprias ações educativas, contando com a participação de todos os seus componentes, bem como de entidades e instituições externas.

5 O PROGRAMA EDUCAR PARA A PAZ, PROPOSTO POR CLEO FANTE

Com muitos anos de experiência como educadora e, interessada em pesquisa sobre a questão da violência na escola, Cleo Fante dedicou-se especialmente ao estudo do fenômeno *bullying*. Descobriu que é nos primeiros anos escolares que podem surgir os traumas que se originam na violência sofrida tanto em casa como na escola e percebeu a necessidade de resgatar a saúde emocional da criança o mais cedo possível.

Assim, idealizou o Programa Educar para a Paz, que foi desenvolvido e implantado em uma escola da rede pública de ensino de São José do Rio Preto, em São Paulo. Esse programa é composto de estratégias psicopedagógicas e sócio-educativas que visam a intervenção e a prevenção da violência nas escolas, com enfoque específico na redução do fenômeno *bullying* entre os escolares.

Como ela mesma afirma:

“A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou a biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida”. (FANTE, 2005, p. 91).

As estratégias citadas acima se fundamentam sobre os princípios de solidariedade, tolerância, e respeito às diferenças. Envolve toda a comunidade escolar, inclusive os pais, e a comunidade onde a escola está inserida e incluem o trabalho individualizado com os envolvidos em “bullying”, visando inclusão e fortalecimento da auto-

estima das vítimas e a canalização da agressividade do agressor em ações pró-ativas, bem como o envolvimento de toda a escola.

Grupos de alunos solidários atuam como “anjos da guarda” daqueles que apresentam grupo dificuldades de relacionamento, dentro e fora da escola. Grupos de “pais solidários” auxiliam nas brincadeiras do recreio dirigido, junto aos alunos solidários. A interiorização de valores humanistas, bem como a discussão de “situações-problemas” de cada -classe são estratégias que visam a educação das emoções, sendo desenvolvidas semanalmente, durante o encontro entre os tutores e suas turmas.

A pesquisadora acredita que se existe uma cultura de violência que se dissemina entre as pessoas, pode-se disseminar uma contracultura de paz.

O Programa Educar para a Paz tem por objetivo:

- a) conscientização dos alunos quanto ao fenômeno e as conseqüências trazidas por ele, análise das experiências vividas;
- b) interiorização pelos alunos de valores humanistas, e que eles desenvolvam a capacidade de empatia;
- c) comprometimento dos alunos com o bem comum e a transformação da violência em realidade de paz nas escolas.

Vejamos a seguir, como foi estruturado o Programa Educar para a Paz.

5.1 ETAPA A: CONHECIMENTO DA REALIDADE ESCOLAR

Os profissionais da educação nem sempre tomam conhecimento dos problemas da violência na escola e da gravidade trazida por eles. Os programas educativos centram-se mais nos conteúdos.

5.1.1 Primeiro passo: Conscientização e Compromisso

O envolvimento de todo o pessoal da escola, dos familiares e da comunidade em que a escola está inserida, é essencial para a obtenção de resultados positivos. Todos devem reconhecer que a responsabilidade de controlar, dentro do possível, o que se passa entre as crianças e os jovens em uma escola também é sua. Uma forma de exercer essa responsabilidade é o compromisso e a ação.

Sobre a violência que acontece na escola, os profissionais da educação devem fazer reflexões como: acreditar que não se pode cruzar os braços, buscar coragem para enfrentar os problemas, não esperar que as soluções venham dos órgãos superiores, acreditar que a educação é o caminho que se pode utilizar para transformar uma sociedade agressiva e violenta, e assim por diante. Essas reflexões poderão levá-los também, a repensar a atitude de alguns profissionais da educação como:

- a) será que a atitude de profissionais da educação frente a um conflito não está sendo adotada por alunos?
- b) será que a atitude autoritária ou agressiva do profissional não está contribuindo para que os alunos exerçam tal autoridade ou agressividade sobre seus companheiros de escola?
- c) como anda a relação professor X aluno?

Após estas reflexões, será escolhido um coordenador do programa e uma comissão deverá ser formada, pelos mais diversos membros da comunidade: diretor, coordenador, representante dos professores, dos funcionários, dos alunos, pais e profissionais que prestam serviço à escola como: dentistas, psicólogos, terapeuta, assistente social, convidados especiais como advogados, médicos, vereadores, poderão compor essa equipe. Essa comissão terá a função de dar apoio aos envolvidos, avaliar o progresso do programa e resolver os problemas que possam surgir.

Entre os professores será escolhido um tutor de classe que desempenhará o papel de auxiliar os alunos a conviverem de forma harmoniosa e solidária, propiciando um clima escolar de qualidade e não violência.

O professor-tutor se reunirá no mínimo uma vez por semana e vai procurar conhecer os problemas enfrentados por seu grupo: quais os alunos envolvidos em conflitos, que fatores determinam tais comportamentos, e procurar identificar as dificuldades e traçar metas para solucioná-los.

5.1.2 Segundo passo: Investigação da realidade escolar

Para realizar um processo de investigação, seja qual for o assunto, o instrumento mais utilizado é o questionário.

A pesquisadora Cleo Fante em seu estudo elaborou quatro tipos de questionário, baseando-se em autores europeus: um questionário para os docentes, outro para os demais profissionais que trabalham na escola. Outros para descobrir indicadores que

mostrem quantos são e onde estão os alunos envolvidos no fenômeno, e por último, um questionário para investigar como são os relacionamentos familiares dos alunos e sua possível influência em seus comportamentos.

Como instrumento de investigação, será feita pelo tutor a observação nas salas de aula. A observação permite selecionar e registrar os dados referentes ao ambiente da classe, como o aluno interage com seus companheiros de grupo e com seus professores. Permite também, analisar os interesses dos alunos, suas capacidades e potencialidades, a aprendizagem e, as dificuldades sócio-educativas.

O trabalho em grupo constitui também um instrumento para avaliar as relações interpessoais, porque dá ao aluno a oportunidade de escolher com quem quer relacionar-se. Geralmente, o aluno que apresenta dificuldades não é escolhido e nem aceito pela maioria do grupo, que encontra inúmeras desculpas para não aceitá-lo. Então, a formação de grupos serve como indicativo para o tutor identificar quais os alunos que são rejeitados e iniciar a partir daí, o processo de investigação para saber quais fatores determina a exclusão.

Feita a observação desses alunos, ao longo de duas ou mais semanas, é hora de aplicar o questionário e não deve ser dada pelo professor nenhuma explicação, para não haver distorções interpretativas. Este questionário deverá ser aplicado das quintas séries em diante, de forma simultânea, no mesmo dia e nos diversos turnos, de forma anônima e voluntária. Após serem tabulados pelos tutores, os resultados dos questionários aplicados, serão entregues à coordenação. Os alunos da educação infantil e até a quarta série serão observados e, se diagnosticados, os professores farão os relatórios e entregarão também à coordenação.

No próximo passo será feita a divulgação dos indicadores que irão determinar o índice de violência na escola e alertar sobre os fatos violentos que muitas vezes passam despercebidos ou são omitidos. A equipe da coordenação prepara a comunidade para o fato de que alguma medida precisa ser tomada. Confeccionam-se cartilhas, ou outro material explicativo, para facilitar a compreensão e possíveis identificações. Reuniões com os pais, alunos, comunidade em geral, abertura de campanhas para divulgar os resultados obtidos após a investigação, serão necessários, assim como é também necessária, a participação de outros profissionais como: psicólogos, psiquiatras, pediatras, assistentes sociais e pessoas bem informadas para dialogar sobre as causas da agressividade.

É oportuno, também, a escola promover eventos como: Caminhada para a Paz, Caminhada contra a Violência na Escola, para sensibilizar os pais e a comunidade em geral e firmar compromissos que possam ser adotados também em seus lares.

5.2 ETAPA B: MODIFICAÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR

Após o conhecimento e a aceitação por parte da comunidade escolar, de que na escola a violência se faz presente, muitas reflexões poderão ser feitas para que a realidade seja modificada.

5.2.1 Primeiro passo: Adoção de estratégias de intervenção

Para que os problemas da violência sejam solucionados não basta defender a vítima e punir o agressor. É preciso investigar as causas, tanto da agressão, como da vitimização. É fundamental conhecer as partes, interrogá-los e ganhar a sua confiança. Fundamental é também, propiciar à comunidade escolar momentos de reflexão sobre a cidadania, democracia e reconhecimento de valores, a fim de que cada um possa fazer sua parte e modificar o ambiente onde vive.

5.2.1.1 Estratégias gerais: medidas de supervisão e observação: os alunos deverão ser supervisionados nos espaços comuns da escola. Isso trará mais segurança ao aluno que é vítima. Nem sempre a escola dispõe de funcionários para esse fim, mas a prestação desse serviço poderá ser feita pelos “alunos solidários”. Para ser considerado “aluno solidário” é necessário que o aluno preencha os seguintes requisitos: que se relacione bem com seus companheiros, e que as suas atitudes sejam de cooperação, tolerância e respeito, especialmente com os colegas que apresentam dificuldades de convivência. Os “alunos solidários” farão a supervisão na entrada e na saída dos alunos e na hora do recreio. Estes deverão ser os mediadores entre os conflitos, dialogando, ouvindo o outro, aconselhando e orientando-os a buscar soluções. Muitos alunos almejam essa posição na escola, pois adquirem prestígio e elevação da auto-estima, atuando como agente de mudança.

a) serviços de denúncia: uma medida que a escola deve adotar é disponibilizar um telefone para que a vítima possa denunciar o agressor e dispor também de recursos humanos para dar atendimento a essas chamadas dos alunos. Pode ser o diretor, psicólogo, professor ou “aluno-solidário”, ou ainda qualquer funcionário da escola que tenha uma preparação prévia para dar o atendimento ao denunciante que pode ser aluno ou pai de aluno.

Na impossibilidade da escola organizar esse atendimento por telefone, poderá disponibilizar caixas tipo “de sugestões” onde os alunos deixarão suas denúncias.

b) encontros semanais para avaliação: são os encontros marcados semanalmente pelo coordenador do programa para avaliar a manutenção das estratégias adotadas.

5.2.1.2 Estratégias individuais: consistem na identificação dos envolvidos. Para isso, o tutor poderá desenvolver atividades como: redações, entrevistas individuais e em grupo. Exemplos:

Redação: “**Minha vida escolar**”. O tutor incentiva os alunos a narrarem como é sua vida na escola, a convivência com os companheiros, se existe atritos, se existe maus-tratos, de que maneira são os maus-tratos e onde eles ocorrem. Enfim, tudo o que ocorre desde que sai de sua casa até o seu retorno. Para esses momentos de escrita, o tutor deverá propiciar um ambiente harmonioso, utilizando músicas suaves e estimular os alunos para serem sinceros em seu depoimento. Afinal, a sinceridade do depoimento é o que vai subsidiar o trabalho a ser realizado. Redação: “**Minha vida familiar**” - para detectar fatores externos que possam estar contribuindo para o comportamento agressivo ou violento de um aluno. O tutor poderá propiciar ao aluno, a oportunidade de refletir sobre sua convivência familiar, o seu relacionamento com outras pessoas, utilizando as mesmas estratégias citadas acima.

Com a realização das estratégias acima mencionadas, já é possível identificar quais alunos agem como agressores e quais alunos se posicionam como vítimas de maus-tratos e, iniciar uma ação direta, com a entrevista pessoal, que poderá ser com conversas individuais tanto com os agressores quanto com as vítimas. Ou ainda, se o tutor achar necessário, poderá também optar por reuniões de grupos com todos os envolvidos.

Esse método visa desorganizar e depois organizar os vínculos de denominação já existentes e depois substituí-lo por vínculos emocionais. Para isso exige uma técnica do entrevistador no sentido de inspirar no aluno a compreensão e confiança, não demonstrando autoridade ou superioridade para evitar constrangimento. Deve-se deixar o aluno falar pausadamente, sem interrompê-lo, e mostrar interesse pelo que está expondo. Se o aluno não quiser responder, o professor não insiste e o leva novamente à sala de aula e marca novo encontro. O aluno agressor geralmente nega o seu envolvimento, se assim for, o professor usará todas as informações que ele possuir de modo que ele admita a participação. Se ainda persiste a negação, marca-se um novo encontro e aconselha a refletir melhor sobre a pergunta. Possivelmente no próximo encontro surgirá alguma informação.

a) roteiro para entrevista com o agressor: o professor poderá conduzir a entrevista do seguinte modo: Fulano, estou aqui para ajudá-lo. Tenho informação de que você está envolvido com o aluno tal. O que você tem a dizer sobre isso? O que podemos fazer para que esse problema seja resolvido? O professor ouvirá de modo atento a estratégia elaborada pelo aluno. Se ele não apresentar nenhuma sugestão, o professor sugere a sua. Você está disposto a colaborar? Lembrar que é importante o uso do diálogo e que é o próprio agressor que deve apontar as soluções para a resolução dos conflitos.

b) roteiro para entrevista com a vítima: o professor poderá também conduzir a entrevista do seguinte modo: Estou aqui para ajudá-lo, quero que confie em mim. Tenho percebido que você anda chateado, o que tem a dizer? Ou ainda poderia dizer: gostaria de falar com você sobre a sua redação. O que tens a me dizer?

(Nome do aluno) o que podemos fazer para ajudá-lo? Você tem algum plano para que fulano não o maltrate mais? Deixar que o aluno esclareça como desenvolver o seu plano e o professor-tutor o auxilia oferecendo-lhe também algumas idéias. Se a vítima se esquivar a seguir uma das idéias ou não apresenta nenhuma sugestão, um novo encontro deverá ser agendado, enquanto o aluno reflete mais sobre a sua situação. Se a vítima se dispuser a colocar em prática imediatamente a sua idéia, caberá ao tutor observar se a idéia está se tornando em ação.

Após a entrevista individual o tutor poderá organizar a entrevista de acompanhamento. Essa entrevista também deverá ser em uma sala reservada onde não haja interrupção de outras pessoas. O Objetivo é saber o resultado das estratégias utilizadas no decorrer da semana.

c) entrevistas em grupo: após o diálogo individual com os alunos envolvidos o professor-tutor organiza a reunião final. Essa reunião deverá acontecer primeiramente com o grupo dos agressores e depois com o grupo das vítimas, onde será colocado que o problema de cada aluno é um problema do grupo e que deverá ser resolvido no coletivo, tanto dentro da sala de aula como fora dela. Se porventura, tiver algum aluno (vítima ou agressor) que não participa do grupo-classe o atendimento dele deverá ser individualizado e em família, a qual deverá receber na escola as instruções a serem adotadas.

5.2.1.3 Estratégias em sala de aula: todas as estratégias devem ser realizadas em .todas as salas ao mesmo tempo. Que sejam elas de observação, de anotação de dados, de

avaliação, entre outras. Para isso deve ser lembrado que essas medidas de atuação devem contar com a participação e colaboração de toda a comunidade escolar.

a) estatuto contra o bullying- uma das medidas que pode vir a repudiar as condutas *bullying* é a elaboração de um estatuto desenvolvido pelos próprios alunos e que se estabeleça regras e normas de uma boa convivência. Para a elaboração do estatuto, os alunos deverão estar bem conscientes de cada uma das regras que comporão o estatuto, já que elas serão elaboradas por eles mesmos, assim como os seus direitos e deveres.

b) desenvolvimento das estratégias: em sala de aula as estratégias se desenvolvem através de estudos de determinados problemas. Expõe-se o problema e solicita-se a participação dos alunos para encontrar as soluções. Esse método facilita o diálogo e a participação dos alunos tendo como objetivo ir ao encontro das necessidades emocionais e comportamentais do aluno que contará com o estímulo dos companheiros ajudando-o na elevação da auto-estima.

O preparo do ambiente pelo tutor, constitui um ponto fundamental para a realização dessas atividades. O ideal é ter sala apropriada com música suave, tapetes, colchonetes, onde os alunos possam deitarem ou sentarem-se. Na impossibilidade de uma sala especial, a sala de aula com as carteiras em círculo ou em forma de “U” poderá ser, também realizada.

“A utilização dessas duas técnicas auxilia na educação da emoção. A música suave ou ambiente ajuda a desacelerar os pensamentos dos alunos, a diminuir a ansiedade, a estimular a concentração e a desenvolver o prazer de aprender. A disposição das carteiras em círculo ou em “U” desenvolve a segurança dos alunos, promove a educação participativa, diminui os conflitos em sala de aula e as conversas paralela”s. (CURI, apud FANTE, 2005, p. 119).

Uma série de atividades de harmonização o tutor poderá utilizar desde o pré-escola até o ensino médio. Essas atividades de harmonização são breves exercícios de relaxamento que buscam levar a pessoa a centrar-se em si mesma e refletir sobre a própria ação, para a obtenção de uma paz interior. Consistem em trabalhar textos por meio de dinâmicas e técnicas de relaxamento que vão por em xeque o respeito ao próximo, a aceitação do próximo como ele é, valorização das diferenças, desigualdade econômica, entre tantas outras.

As estratégias desenvolvidas em sala de aula possibilitam aos alunos aprender a partir de experiências reais e exercitar a criatividade na busca de soluções para cada problema.

c) projetos solidários a participação em projetos solidários levará os jovens a desenvolverem responsabilidade social, promover a cidadania, a capacidade de trabalhar em equipe, a capacidade de se colocar no lugar do outro. Ter objetivo comum, é a melhor prática para aproximar as pessoas e diminuir os problemas entre vítima e agressor. Essa prática poderá levar o agressor a perceber que não é com violência que se resolve os impasses da vida cotidiana.

Projetos incluindo atividades manuais e artes poderão ser desenvolvidas em prol da comunidade escolar: crochê, tricô, bordados, pintura, bijuterias, corte e costura, bem como, o incentivo à prática de esportes que poderão oportunizar a revelação de talentos.

Como sugestão também, para a participação de alunos em projetos em prol da sociedade em geral, cita-se as campanhas contra a violência, contra o câncer, contra as drogas, passeios ciclísticos, passeatas, campanhas em defesa da paz, campanha pela doação de sangue e de órgãos, campanhas para arrecadar alimentos ou outro benefício a famílias carentes de alunos da própria escola.

d) investigações semanais: sugere-se que o tutor da turma, promova investigação por meio de perguntas escritas na lousa, pelo menos uma vez na semana, para acompanhar as mudanças no comportamento dos alunos. Espera que algumas vítimas se recusem a responder as perguntas por medo ainda de represálias do agressor. É importante notar, que essa estratégia irá inibir a ação do agressor, que se vê acuado em suas ações. As perguntas podem ser do tipo: Você sofreu algum tipo de violência esta semana? Se sofreu, quem é, e onde está o seu agressor? Você conseguiu se defender? Você contou para alguém o que aconteceu? Comente o fato.

5.2.1.4 Estratégias familiares: a participação da família no combate ao *bullying* é indispensável. Portanto, a escola só obterá êxito, se puder contar com o segmento familiar. Para isso, a equipe de tutores promoverá os encontros:

a) pais e tutores: mais uma vez a escola recorrerá aos pais através de reunião, pedindo a colaboração destes, no caso dos filhos estarem se posicionando como vítima ou agressor. Se não surtir efeito esperado, sugere-se uma forma individualizada de atendimento.

b) orientação sobre convivência escolar: é fundamental que a escola tome algumas medidas que incentive a participação e o acompanhamento dos pais na vida dos filhos. Medidas educativas pautadas no amor e no respeito ao próximo, nos limites e na aquisição de valores inclusive os religiosos, são medidas que se opõem à violência. Além

dessas orientações, que devem ser discutidas juntamente com os pais, enfatizar o uso do diálogo como método de resolução de problemas. Que os pais devem dialogar com seus filhos, ouvir suas fantasias, seus medos, suas angústias para, a partir daí, saber orientá-los no caminho do bem.

Portanto, uma educação familiar baseada no amor, no respeito, na cooperação, no diálogo, fará com que as crianças tenham exemplos positivos.

Indiscutivelmente, nem todas as famílias possuem a mesma capacidade para ajudar os seus filhos. Porém, essa falta de capacidade poderá ser suprida pelo apoio à ação dos professores.

Para a participação das famílias nas estratégias *antibullying*, o tutor deverá convidar para uma primeira reunião os pais dos alunos agressores, os pais dos alunos considerados vítimas serão atendidos numa segunda reunião, e por fim os pais dos alunos que testemunham as condutas *bullying*, (também chamados espectadores no processo). Estes, na maioria das vezes se aliam aos agressores. Deve-se deixar bem claro aos pais, as probabilidades que os agressores tem em se tornarem delinquentes, viciados em drogas ou álcool na vida adulta e que os pais poderão tomar como medida preventiva a parceria família-escola. Esta parceria terá muito a contribuir para ajudar os alunos na mudança de atitudes e comportamentos.

c) grupos de pais solidários: atitudes solidárias por parte dos pais, são também imprescindíveis para o crescimento emocional dos filhos, pois proporcionará a estes, o conhecimento da realidade do outro e a melhor compreensão de si mesmo. Essas atitudes contribuem para conquistar a confiança e a desenvolver habilidades para se defender. Se após esgotadas todas as estratégias planejadas pela escola para melhorar as relações interpessoais, as condutas agressivas de algum aluno ainda persistir, é necessário encaminhar esse aluno para profissionais especializados a fim de que sejam diagnosticados e tratados.

5.2.2 Segundo passo: Novo diagnóstico da realidade escolar - observa-se se houve mudança no ambiente escolar.

5.2.2.1 Investigação da nova realidade escolar

Após o desenvolvimento das estratégias contidas no Programa Educar para a Paz, que envolveu alunos, professores, pais, e a comunidade em geral, um novo diagnóstico para investigar os resultados obtidos deverá ser feito, tendo como instrumento o questionário ou também as redações.

5.2.2.2 Apresentação do diagnóstico à Comunidade Escolar- por meio de reunião.

5.2.2.3 Revisão e manutenção do Programa: a comissão organizadora fará a análise dos resultados obtidos e decidirá, se optar pela continuidade, o que mudará, o que não ficou bem esclarecido ou trabalhado, se valeu a pena, enfim decidirá se mantém o programa e o seu futuro. A pesquisadora Fante, assim como os demais pesquisadores citados anteriormente neste trabalho, reconheceu a dificuldade de se combater à violência na escola, dada a sua complexidade e abrangência.

Entretanto, todos ressaltaram a possibilidade do seu combate desde que haja, conscientização, sensibilização, reconhecimento e colaboração de todos os envolvidos no processo escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço escolar seria visto como um “porto seguro” a ser preservado, constituindo-se em fonte de esperança dos jovens por um futuro melhor.

Desse modo, esperamos que a escola vem desempenhando um papel importante na conformação de cultura e de saúde, uma vez que é produtora e reprodutora de conhecimentos e práticas pessoais e sociais. Assumir esse papel, de forma consciente e crítica, pode transformar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem e pode ampliar o prazer de professores e alunos em participar das atividades escolares por ela proposta.

As contribuições da escola para a saúde são essenciais e múltiplas, participa decisivamente na formação cultural, está na base da preparação para o mundo do trabalho, traz conhecimentos específicos que cada uma das disciplinas aponta em relação à saúde e constitui-se, um espaço privilegiado das vivências da infância e da adolescência, período decisivo na formação de hábitos, atitudes e comportamentos do educando.

Em todos os países do mundo, a oportunidade de acesso e permanência na escola tem relação direta com a situação de saúde das pessoas e de forma coletiva. Isso porque, o cuidado de si e dos demais requer a apropriação e utilização de muitos conhecimentos e recursos que podem ser conquistados através da educação formal.

Portanto, se a boa saúde física e mental das crianças e jovens é um componente essencial de sua capacidade e disposição para aprender, o seu grau de saúde pode depender, em grande medida, das experiências vividas no ambiente escolar.

Entendemos que são muitas as razões que levam os alunos a abandonarem o sistema educacional antes de completarem a educação básica: alguns porque precisam trabalhar, outros, por problemas familiares, e a maioria talvez, porque não tenha encontrado apoio suficiente no período escolar, nem na família, nem no professor, nem nos colegas e nem em si mesmo.

Foi pensando assim, que muitos países do mundo todo vem demonstrando preocupação em erradicar ou, pelo menos coibir, práticas de *bullying* no ambiente escolar e social dos alunos. Na Grã-Bretanha, por decisão governamental, todas as escolas passaram a ter em seu currículo políticas *antibullying*. (COSTANTINI, 2004, p.10).

No Brasil, o *bullying* ainda é pouco comentado e estudado, não havendo portanto uma visão abrangente que possa fornecer dados concretos a ponto de poder comparar esses dados com outros países.

Percebeu-se que o termo *bullying* é pouco conhecido ainda, nos meios acadêmicos, pois muitas foram as perguntas e os questionamentos sobre os seus conceitos durante a pesquisa. Figura o não conhecimento por muitos, ao fato da palavra ainda não estar, de modo convencional na língua portuguesa.

É imprescindível, portanto, que as escolas ofereçam ações educativas, preventivas e de promoção da paz, que ajudem a melhorar a auto-estima dos alunos e a aumentar o envolvimento dos professores e da comunidade. Crianças e jovens precisam enxergar a escola como um local agradável de aprendizagem e de troca de experiências que os leve ao sucesso na vida adulta. Os pais e as comunidades deveriam ter o sentimento de parceria e de identidade com a escola. Assim nosso trabalho tenha contribuído, mesmo que de forma preliminar, como estratégia de informação e de sensibilização à problemática da violência no ambiente escolar, pois acreditamos, não se combater violência, erguendo os muros da escola, nem com a contratação de vigias, nem com castigos físicos e nem tampouco com medidas punitivas. Acreditamos, que a flecha certa no combate à violência na escola seja o investimento de recursos econômicos e humanos para a adoção de práticas educativas que possam sensibilizar corações.

Que possa haver pessoas sensíveis e com requintes de solidariedade e de humanismo nos meios escolares, e a quem possa ter se interessado pelos nossos estudos que adotem, mesmo que de forma tímida, algumas sugestões nossas, para o combate à violência escolar, quando da elaboração do Projeto Político Pedagógico.

BIBLIOGRAFIA

A CASA de Ruben Alves, bullying, 2005. **Correio Popular**. Disponível em: <<http://www.rubemalves.com.br/bullying.htm>> Acesso em 10, out. 2005.

BRASIL. Estado do Mato Grosso. Fundação de Promoção Social. Estatuto da Criança e do Adolescente: lei 8.069/90. Cuiabá-MT, 2000.

BULLYING, Semente do desumano, 2005. Disponível em: <<http://www.elisabethsalgadoencontrandovocê.com/bullying.htm>> Acesso em: 12, set. 2005

CAVALCANTE, Meire. **Como lidar com brincadeiras que machucam a alma**. Escola: Revista do professor, São Paulo, n. 178, p. 58-61, dez. 2004.

CONTRA o *bullying*, 2004. Disponível em: <<http://fantástico.globo.com.jornalismo/Fantástico>> Acesso em: 11 de ago. 2005. Acesso em 22, set. 2005

COSTANTINI, Alessandro. **Bullying: como combatê-lo**: Trad. de Eugenio Vinci de Moraes: São Paulo: Itália Nova, 2004.

ENTENDA o *Bullying*, 2005. Disponível em: <<http://www.globo.com/maisvocê.>> Acesso em 29, set.2005.

FANTE, Cleo. **Fenômeno *bullying***: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus Ed., 2005.

GUIDALLI, Barbosa. **Um basta à violência**. Pátio: revista pedagógica, Porto Alegre. n. 34, p. 37-43, maio/jul.2005.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss**. p. 1326, 2001.

LOPES, Aramis. **Quando a brincadeira não tem graça**. Você apita em notícias, São Paulo, n.3 p. 14, out. 2004.

PROGRAMA de redução do comportamento agressivo entre estudantes, 2005, Rio de Janeiro. ABRAPIA. Disponível em: <<http://www.bullying.com.br.>> Acesso em: 30, set. 2005.

SAÚDE na escola: textos de apoio. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Educação a Distância: TV Escola, 2002.

ZIEMER, Roberto. **A lição do medo**. Revista Educação: Rio de Janeiro, n. 93, p.7, jan. 2005.

WERTHEIN, Jorge. **Por uma escola de Paz**. Mundo Jovem: Um jornal de idéias. Porto Alegre, n. 362 p. 7, nov. 2005.

ANEXOS

ANEXO A What is *bullying*?

What is *bullying*?



Click here to [see all of ChildLine's bullying resources, including our information sheets](#)

Bullying can mean many different things. These are some ways children and young people have described bullying:

- being called names
- being teased
- being pushed or pulled about
- being hit or attacked
- having your bag and other possessions taken and thrown around
- having rumours spread about you
- being ignored and left out
- being forced to hand over money or possessions
- being attacked because of your religion or colour

What does it feel like to be bullied?

Bullying hurts. It makes you scared and upset. It can make you so worried that you can't work well at school. Some children have told us they have skipped school to get away

from it. It can make you feel that you are no good, that there is something wrong with you. Bullies can make you feel that it's your fault.

[Click here for a guide to all of ChildLine's bullying resources](#), including information sheets. Or click on one of the links below for true stories and lots more.

[How to stop the bullying](#)

[Why do bullies do it?](#)

[Helping a friend](#)

[Your school can help](#)

[ChildLine can help](#)

[Some people say...](#)

[> Do you think you are being bullied by a teacher?](#)

[> Is someone in your family bullying you?](#)

[> Are people gossiping about you at a club you go to?](#)

[> Are you bullying someone?](#)

[> Are you being bullied by other pupils in school?](#)

[> Are you being threatened by a gang?](#)

[TRUE STORIES - BULLYING](#)

ANEXO B – *Bullying*, semente do desumano

Bullying

